

# A política não matou Tancredo

**E**MBORA pareça evidente que o esforço final da sua vida, dedicada a armar condições de vitória da sua candidatura e dê, em caso de vitória, suprimir os obstáculos à posse e à transição do regime e, em seguida, a compor o ministério na mais extraordinária armação política de que há notícia na história da República, pessoas da intimidade de Tancredo Neves não crêem que sua saúde tenha sido minada por essa obstinada aplicação na tarefa final da sua vida. Nem mesmo a viagem à Europa e à América, intervalo entre as duas operações políticas, o teria cansado. Antes, teria sido repousante e gratificante o encontro com o Papa e com grandes figuras do cenário político mundial. Era um momento de glória e uma compensação moral aos seus sacrifícios.

Para esses íntimos do Presidente morto, a política era para Tancredo Neves a sua vida, o seu prazer, a sua satisfação íntima. Enfim, a tarefa a que unicamente se aplicava com gosto e a que se dedicou ao longo de cinquenta e um anos de atividade só raramente interrompida. Fazer jogadas políticas e armar esquemas políticos não era para ele um sacrifício mas o desfrute de uma alegre oportunidade de realizar-se segundo sua natureza mais visível. Não teriam sido assim os dias corridos entre a decisão de disputar a Presidência e a véspera da posse uma tarefa ingrata, mas antes o encontro com a plenitude de suas aspirações e da sua profunda vocação de vida.

Essa é uma interpretação com a qual os médicos podem estar de acordo, ou não. Os médicos, aliás, importam pouco nesse desfecho de uma vida que se deu a uma causa. Como lembrou o irmão mais velho, Otávio, Tancredo Neves, o segundo mais ilustre filho de São João del Rei, morreu como o primeiro deles, Tiradentes, dando sua vida em holocausto à sua missão. A doença pode não ter sido provocada pelo esforço físico e mental dos últimos meses, mas a decisão de rejeitar a internação e a cirurgia antes da posse foi o consciente exercício de uma missão de sacrifício. Ele temia que sua internação suspendesse a transição do regime e levasse o Governo a negar posse ao seu substituto. Ele correu todos os riscos e é o principal responsável pelo seu próprio holocausto.

Lembrando conversas matinais com Tancredo Neves, uma das pessoas da sua maior intimidade revelou alguns episódios que traduzem não só a paixão da construção política como o prazer da especulação que precede a decisão. Para o Gabinete Civil, ele chamou primeiro Dornelles e para a Fazenda, pensou em Setúbal. Ulysses observou-lhe que não ficaria bem um banqueiro na Fazenda. Ele trocou Setúbal por Dornelles mas com risonha malícia disse: "O Setúbal vai para o Itamarati". E o Gabinete Civil, não sendo Dornelles? O Thales não aceitava. Que tal o Cotta? O José Aparecido? O Gusmão? O José Hugo? "Esse eu quero para Governador de Brasília".

Dornelles disse-lhe que aceitaria a tarefa que lhe desse, contanto que se achasse competente para desempenhá-la. Aceitaria a Fazenda, mas queria todo o Banco Central e a Presidência do Banco do Brasil. Tancredo concordou, mas rejeitou o primeiro nome para o Banco Central. O Pastore, não. E o Fernão Bracher? Lera alguma coisa dele e não gostara. E o Rocca? Esse pode convidar, que não aceita. Esgotada a imaginação do Ministro, Tancredo sugeriu: "Por que você não procura na Fundação Getúlio Vargas?" Lemgruber, lembrou Dornelles. "Esse é bom, já li coisas dele que me deixaram boa impressão". O encontro com Lemgruber foi na casa de José Luís Magalhães Lins e lá armou-se o Banco Central.

Um episódio mais antigo, do tempo da sucessão mineira, também é lembrado. Dona Sara tinha em Renato Azeredo seu candidato a Vice-Governador. Thales Ramalho foi convocado para dissuadir o candidato, a quem se acenava com a Prefeitura de Belo Horizonte. Ele pretendia também afastar Itamar Franco e não se achava comprometido com José Aparecido. E saiu de Hélio Garcia. Em seguida, eleito, surge a Prefeitura. Renato não lhe parecia adequado e Thales foi novamente chamado. Tancredo precisava de Renato na Secretaria do Governo. Renato concordou mas impôs uma condição, a de não ir para a Prefeitura três nomes que citou. Eram os candidatos de Tancredo. A saída foi dar também a Prefeitura a Hélio Garcia.

O Ministério da Justiça não foi fácil. Tancredo insistiu em Thales, que se manteve irreduzível. Ulysses elogiou como companheiro Fernando Lyra, mas não o considerava adequado para a Justiça. Talvez a Previdência. Tancredo concordava com a observação, mas já dera a Previdência a Waldir Pires. O Governo de Brasília foi outro problema. Dona Sara indicara Carlos Murilo, com a aparente concordância de Tancredo. Mas o candidato entrou na área de turbulência numa disputa com Mauro Borges e o PMDB do DF. Tancredo mandou dizer-lhe das dificuldades. Mas Dona Sara voltou à carga com uma carta que fez o Presidente pensar. Deslocou José Hugo para o Gabinete Civil e deixou a escolha do Governador para depois. Até hoje não está escolhido.

Esses episódios, alguns ainda inconvenientes para publicação, são evocados pelo amigo de Tancredo Neves para demonstrar como ele se comprazia com esse jogo e como se sentia feliz e realizado ao se entregar a ele. Não foi a política que o matou. Nem o trabalho, nem a viagem. A doença foi um acidente. Quem o matou foi sua disposição ao sacrifício. Ele preferiu o risco maior até a última hora para evitar que a Nova República naufragasse antes de implantada.

**CARLOS CASTELLO BRANCO**